

# A EDUCAÇÃO DA INFERIORIDADE FEMININA: GÊNERO E SEXUALIDADE

Daniele Guimarães da Silva  
Jamylli Ferreira de Lima

*Universidade Estadual da Paraíba*

[guimaraesdanii@hotmail.com](mailto:guimaraesdanii@hotmail.com)

[Jamylliferreira\\_@hotmai.com](mailto:Jamylliferreira_@hotmai.com)

## **RESUMO**

O presente estudo discute sobre a educação da inferioridade feminina, trazendo presente à questão do gênero e sexualidade, buscando questionar o papel da mulher na contemporaneidade, quais as dificuldades, os padrões estéticos estabelecidos, o preconceito voltado para a homossexualidade, transexualidade e a figura de mãe que vem sendo desconstruída. Trata-se de uma produção ainda em desenvolvimento, deste modo, a pesquisa propõe-se investigar a educação da inferioridade feminina relatando contextos históricos relacionados à Revolução Francesa por ser considerada mãe dos direitos humanos, até o século XXI. E para a análise dos resultados iremos realizar questionários abertos para o levantamento de dados, onde o público alvo será alunas e alunos, professoras e professores da própria universidade, objetivando uma (des)construção da definição feminina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminino; Desconstrução; Sexualidade; Gênero.

## 1. INTRODUÇÃO

No século XVIII a mulher era considerada apenas como reprodutora totalmente submissa ao poder masculino vertical, que a tinha como reprodutora, o patriarquismo era dominante. Existem protótipos quando o assunto é mulher, logo quando pensamos em mulher vem em mente um ser frágil, sensível, materno e amoroso.

Ainda no século XVIII, a mulher para ser uma boa mãe e esposa, precisava abolir o prazer e o erotismo. A violência era contra o prazer - não especificamente da mulher - mas ela sofria fisicamente e permanentemente essa repressão com a extirpação do clitóris, que é o único órgão especificamente destinado ao prazer, e sua retirada não afeta seu meio reprodutor (Vagina).

A mulher é considerada mediadora, é dela a responsabilidade de educar, de cuidar e amar. No período do fim do século XVIII ao início do século XIX havia uma definição muito bem marcada das tarefas femininas e masculinas, para a mulher cabia a função de ser uma boa mãe e uma boa esposa, já o homem era o responsável pelo trabalho pesado. Mas só em 1793 se estabeleceu os mesmos direitos de autoridade paternal para o pai e para a mãe, ou seja, antes a mulher por ser vista apenas como reprodutora, mãe, responsável pela educação dos seus filhos, não tinha direito de autoridade com os mesmos, porque essa seria a função do pai.

Marginalizada, a tentativa de sair dessa posição teve início no fim do século XVIII onde a mulher busca sair da posição de esposa, de mãe, de submissa, para almejar um papel de cidadã, de trabalhadora. A conquista desses direitos representa a abertura da visão machista em prol aos direitos feministas.

No século XXI a mulher se destaca atuando em papéis importantes na sociedade, assumindo suas próprias famílias domesticamente matriarcais e lutando por mais igualdade e respeito. Na revolução francesa (1789 – 1799), considerada mãe dos direitos humanos, é iniciada a luta pela igualdade entre todos, onde homens e mulheres não precisassem disputar o poder entre si.

A causa feminina ganhara voz no século XX, mesmo que o movimento feminista tenha nascido no século XIX, só obtém sucesso no século seguinte com a desconstrução perante aos direitos humanos, decorrente a revolução francesa que buscou trazer para a sociedade igualdade de gênero e direitos, tanto civil como sociais. Como o que aconteceu em 1752 onde às mulheres conquistaram direitos sobre o estado civil e sobre o divórcio.

## 2. DESCONSTRUINDO OS PADRÕES ESTÉTICOS

As transformações dos padrões de beleza do corpo feminino ao longo do tempo marcaram a evolução de diferentes visões sociais a cerca do modelo estético que deveria ser incorporado pelas mulheres. As pessoas são diferentes, as mulheres são diferentes, sendo altas, baixas, magras, gordas, e não há nada de errado em fugir do padrão, assim como segui-lo. Na antiguidade clássica, o padrão de beleza da mulher vai se resumir em perfeição e equilíbrio das formas é quando surge o nu feminino. No período colonial o padrão estético da mulher era tido como o ser saudável, ou seja, quanto mais gorda a mulher fosse, mais bonita ela era considerada.

No século XX revoluciona-se a maneira das mulheres se vestirem, um dos grandes nomes dessa mudança é Coco Chanel, que radicaliza a maneira das mulheres de todo o mundo se vestirem, trazendo os pensamentos libertinos que já circulavam na época aos guarda roupas femininos e incorporando as peças ditas “masculinas” ao vestuário das mulheres, assim como liberta os cabelos para serem longos ou curtos.

Nos anos 50 a mulher tornasse mais sofisticada, sua grande preocupação era a beleza e a sociedade. E nos anos 60, considerado os anos da contracultura, o corpo adolescente, sem muitas curvas valorizasse mais. Já na década de 90, início de 2000, acontece à ditadura da magreza, onde é pregado, especialmente pela mídia que o corpo ideal, perfeito e mais feminino é o corpo magro.

### 3. SÉCULO XXI, PADRÕES, BELEZA E ESTÉTICA.

Hoje, as mulheres buscam se definir sem padrões estéticos, sem que seja preciso usar vestidos, maquiagens e salto alto para assim serem reconhecidas. O que define gênero não é a estética e muito menos a sociedade, o corpo que a mulher possui é extremamente particular e cabe a ela expressar nele o gênero definido ou indefinido.

Mulher masculinizada, homem afeminado, são expressões pequenas, comparadas a liberdade de poder expressar diariamente o que se é, e quem (como) se identifica, com ou sem padrões estéticos.

O não binarismo e a igualdade social dentro desses padrões podem acontecer de maneira diversificada é considerada um protótipo do que é ser mulher. O padrão está relacionado à identidade, como e o quanto você se identifica como mulher.

### 4. PEJORATIVOS: FÊMEA, SAPATÃO, TRAVECO.

Beauvoir (1970) nos mostra que a mulher é mais que a fêmea dum macho, mais que uma reprodutora, submissa em seu estado de sexo oposto. Ela fala sobre o desconforto que o termo nos trás, enquanto que seu equivalente masculino é prestigiado como um elogio, o homem sente-se ovacionado com seu titulo de “macho”, enquanto que em geral, para as mulheres, o “fêmea” causa estranhamento e até rejeição, em suas palavras “O termo ‘fêmea’ é pejorativo, não porque enraíze a mulher na natureza, mas porque a confina no seu sexo”.

O termo “sapatão” é utilizado pejorativamente como um insulto para denominar mulheres lésbicas, sendo ainda empregado a qualquer mulher que fuja do que é denominado da “norma feminina”. “Sapatão” encabeça os insultos contra as mulheres homossexuais nas hostilizações e reprimendas a sua orientação sexual em atos de preconceito e discriminação sexual.

“Identidade de gênero” e “orientação sexual” não se relacionam entre si. Sendo identidade de gênero a forma como nos reconhecemos e identificamos a nos mesmos, e orientação sexual como percebemos o outro como objeto de afeto ou desejo. Porém, a sociedade ainda presa ao conceito de que esses dois se interligam delimita “coisas de homem” e “coisas de mulher”. Amar uma mulher é visto como uma dessas “coisas de homem”. É visto então, nessa ótica errônea, que uma mulher lésbica masculiniza-se por sua orientação sexual, como se ter uma mulher fosse direito exclusivo dos homens, ou o fato de uma mulher sentir atração afetiva e/ou sexual pelo mesmo sexo a tornasse menos mulher. O pensamento retrógrado é mais uma das prisões sociais que as mulheres enfrentam, da mesma forma que homens que se relacionam com outros homens. No entanto, como foi dito, sexualidade e identidade de gênero são conceitos interdependentes que não possuem relação entre si. Portanto, a forma de relacionar-se com o outro, não afeta ou diminui feminilidade ou masculinidade dos seres que assim se identifiquem.

Numa sociedade que ainda pouco conhece sobre as questões de sexualidade, em questões de identidade de gênero temos uma maioria praticamente ignorante no assunto. Se a sexualidade ainda é um tabu, gênero então é marginalizado social, cultural e religiosamente. As mulheres trans são facilmente esquecidas, ignoradas e excluídas, assim como sofrem violências por atos e omissões.

Retornando a Beauvoir, que sabiamente diz que a mulher não nasce mulher, ela tem de assim se construir, assim sendo não é a biologia que responde por essa construção. “Machos e fêmeas são dois tipos de indivíduos que no interior de uma espécie, se diferenciam em vista da reprodução (...)” Beauvoir (1970). A autora é clara quando enfatiza “em vista de reprodução”, abre espaço em seu discurso, intencionalmente ou não, para as diversas questões de gênero. Ser mulher é bem mais que ser fêmea biologicamente. Ser mulher, é assim identificar-se, assim idealizar-se, e querer reconhecer-se.

## 5. METODOLOGIA

O método investigativo para a realização desta pesquisa apresenta caráter de cunho qualitativo, sendo que o artigo caracteriza-se como descritivo. O espaço da presente pesquisa realizar-se-á no *Campus III* da UEPB, localizada na microrregião de GUARABIRA-PB. O público alvo para a pesquisa serão as alunas e alunos, e professoras e professores da instituição, somando um total de vinte alunos e vinte professores. O instrumento escolhido para a realização do trabalho é um questionário direcionado ao corpo discente e docente da instituição contendo treze perguntas abertas, tendo como objetivo (des)construir a definição feminina.

## 6. RESULTADOS

Levantou-se a hipótese a partir das pesquisas realizadas, conversas e leituras teóricas de que: Não existe um padrão estético de beleza ou comportamental para ser ou se tornar mulher. Não existe uma fórmula que possa transformar uma pessoa na mulher perfeita, o gênero, por si só constrói e desconstrói todas as formas dos padrões estéticos aqui já citados.

Público Alvo	Quantidade	Faixa Etária
<b>Alunas</b>	10	17 a 26
<b>Alunos</b>	10	18 a 30
<b>Professoras</b>	10	27 a 38
<b>Professores</b>	10	28 a 40

**Obs.:** Pesquisa em andamento. Questionários abertos e pesquisas teóricas.

## 7. CONCLUSÕES

Nota-se que a mulher foi diminuída ao longo da história, e mesmo que há tempos venha-se lutando pelos seus direitos, a desigualdade ainda é presente e dominante. São séculos de repressão e dominação onipotente masculina a serem derrubados. Primeiramente as mulheres ganham espaço e notoriedade nos próprios lares, tornam-se mães como sujeitos como autoridade para com seus filhos, deixando de serem apenas reprodutoras. Logo mais a luta pelos direitos se expande além dos lares, buscam reconhecimento como cidadãs e trabalhadoras. Estamos no século XXI e a batalha ainda é constante e longe de seu fim, o movimento feminista luta pela igualdade e quebra de conceitos errôneos instaurado a séculos que aprisionam a mulher.

Mulheres como agentes ativos, cidadãs, trabalhadoras, mulheres que amam mulher, mulheres por assim identificarem. Mesmo com a pesquisa ainda em andamento podemos nos dar conta que não há um padrão estético, bem como comportamental que defina o que é ser mulher.

## 8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CORDEIRO, Tiago. **A revolução de Saias**. São Paulo: Abril. 2010.

Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/revolucao-saias-588690.shtml>

Filme: **Coco Avante Chanel**. Bélgica. 2009. Disponível em: [www.adorocinema.com](http://www.adorocinema.com)

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**. 4ªEd. Paris: Difusão Européia do Livro. 1970.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa da Mãe Joana**. 1ª Ed. LTC. 2002.

LOURO, Guarcira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes LTDA. 1997.

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: Reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília – DF. 2007.

Gênero e Diversidade na Escola. **Sexualidade, Sociedade e Política**. In: **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professores em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico- Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.